

Governo já conta com 237 deputados

No novo Congresso que se instalará solenemente a 1º de fevereiro, a composição de forças políticas será equilibrada entre os parlamentares que devem apoiar o governo do presidente Fernando Collor e os que farão oposição. De acordo com as últimas avaliações dos congressistas, o governo, pode contar com o apoio de até 237 deputados, enquanto a oposição deve ficar com 249. Desde já, acredita-se que formarão com o governo as bancadas do PFL (82 deputados), PDS (43), PRN (41), PTB (38) e do PDC (22), além de cinco eleitos pelo PSC e quatro do PSC e PTR - dois cada um, além de dois outros partidos com um integrante cada. O PL, com 16 deputados e o PRS mineiro com quatro ainda não decidiram sua linha de atuação — se irão para o governo, oposição ou farão a linha “independente”.

Os partidos que sustentam politicamente o governo já começaram a definir sua linha de atuação — eles pretendem, a partir de fevereiro, colocar em funcionamento o “Frentão”, um bloco informal interpartidário de apoio ao presidente Collor. Esse bloco está sen-

do montado à imagem e semelhança do “Centrão”, que atuou nos trabalhos da Assembléia Constituinte, com deputados eleitos e reeleitos afinados com o Palácio do Planalto, inclusive do PMDB. É o que se pretende reeditar agora.

Ajuda do PMDB

O PMDB deverá dar sua “colaboração” por intermédio de novos e antigos deputados “simpáticos” ao presidente da República. O vice-líder do PFL, deputado Luiz Eduardo Magalhães (BA), acha que será preciso garantir a adesão de pelo menos 25 deputados do PMDB. O líder do PRN, deputado Arnaldo Faria de Sá (SP), acredita que bastariam vinte peemedebista para tranquilizar o governo nas votações na Câmara.

No Senado, líderes governistas acham viável a formação do bloco formal. Não será fácil montar o bloco governista a tempo de disputar a eleição da mesa diretora marcada para dois de fevereiro.

Mesmo assim há dissidências entre os senadores do PFL em se

alinharem ao bloco governista, entre os quais Divaldo Suruagy (AL) e Alexandre Costa (MA). O senador Odacir Soares (PFL-RO), candidato a primeiro secretário da nova mesa, está apoiando o candidato do PMDB a presidente, senador Mauro Benevides (CE). “Os líderes decidiram organizar o bloco e só depois pretendem consultar a bancada e com isso não concordo”, reagiu Odacir.

Em compensação, o Palácio do Planalto tem aliados fiéis no PMDB, se o bloco não implicar a tentativa de alijar o partido do comando do Congresso: João Calmon (ES), Aloisio Bezerra (AC), Onofre Quinam (GO), Nabor Junior (AC) e Gilberto Miranda (AM), entre outros. Além disso, há cinco senadores por enquanto sem legenda e que estão sendo devidamente aliçados para dar apoio concreto ao governo Collor — Francisco Rollemberg (SE), Alfredo Campos (MG), Aureo Mello (AM), Carlos Patrocínio (TO) e Meira Filho (DF), este a caminho do PFL. Já foi cooptado o ex-líder do governo Sarney, senador Saldanha Derzi (MS), que ingressou anteontem no PRN.

Bloco inviável

Ao contrário do Senado, na Câmara os líderes governistas parecem convencidos da inviabilidade do bloco formal devido às restrições regimentais. A bancada, que ingressar em bloco perderá, de fato, sua liderança. O líder ficará sem atribuições e prerrogativas regimentais e, ainda, sem lotação em gabinete, sem franquias postal, telegráfica e telefônica e sem passagem aérea extra. Amaral Netto, do PDS, e Gastone Righi, do PTB, perderiam 30 servidores dos respectivos gabinetes. Daí a decisão de organizar bloco informal, uma “frente” interpartidária.

Para a eleição da nova mesa diretora da Câmara, o “Frentão” deverá aceitar a indicação do presidente pelo PMDB, partido majoritário. Dos sete lugares efetivos, o PMDB teria dois-presidente e 2º vice-presidente — o PFL dois (1º vice-presidente e um secretário), o PDT, PDS e PRN um lugar cada (de secretários). O PTB, PSDB, PT e PDC indicariam os quatro suplentes da mesa.